

0203 04 05 06 07 08 09 10 12 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58

Nº4_ OS LUGARES (E O TRÂNSITO) DA ARTE

ESPAÇOS INDIGESTOS: OS MUSEUS PRECISAM DE ARTE? • renata motta... A CULTURA DAS EMPRESAS • gullherme wisnik
PÚBLICO DA ARTE: POR QUE SÃO SEMPRE OS MESMOS? • thais rivitti... NO NÍVEL DA RUA • José resende... AS PAREDES
ESTÃO RUINDO OU SENDO PINTADAS? • fernando oliva... ARRANJOS E CIRCUITOS • paulo reis... ENTRE A ESPECIFICIDADE
E A MOBILIDADE DO LUGAR • regina melim... ARTE COM DOWNLOAD • julliana monachesi... ARTE COMO TRABALHO:
ENTREVISTA COM LUIZ RENATO MARTINS • cauê alves



PRO-REITORIA DE CULTURA E
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

USP

MariaAntonia
CENTRO UNIVERSITÁRIO DA USP

Centro Universitário Maria Antonia
Rua Maria Antonia, 294
V. Buarque 01222-010 São Paulo
tel 3255 7182 fax 3255 3140
mariantonia@edu.usp.br
www.usp.br/mariantonia

ARRANJOS
produção artística dos últimos 10 anos reflete campo de pesquisa que a década de

E
1980 ajudou a configurar
CIRCUITOS paulo r. o. reis

Nos pequenos cartões coloridos distribuídos aos carros parados no sinal vermelho e também às pessoas que esperam para atravessar a rua, podia-se ler "Av. Borges de Medeiros, nº 294. Erga o olhar.", "Estrada João de Oliveira Remião, nº 1.347. Vá com tempo." ou ainda, entre outros, "Rua Honorio Silveira Dias, nº 625, às 18:00 e 18:15 h. Todos os dias. Sugiro fechar os olhos.". Este trabalho de Cláudia Zanatta (Ponfletos, 2003) opera uma circunscrição de lugares na cidade de Porto Alegre. Circunscrição que pede um compromisso geográfico e temporal das pessoas – há um lugar, uma indicação de horário e (a sugestão de) um acontecimento. Uma demarcação crítico/afetiva que, creio eu, distancia-se da constituição dos "circuitos ideológicos", por exemplo, como a pensou em alguns de seus trabalhos o artista Clído Meireles, ou das Situações, do artista Artur Barrio, mas que certamente não está descolada, em sua poética, de um traço político ou crítico, em relação à maneira cega e condicionada como ocupamos (ou abandonamos) nossos espaços públicos.

Penso que precisamos, sempre, experimentar novos olhares para perceber uma boa parte da produção artística da atualidade, ao mesmo tempo que jogar outro chão conceitual para a história da arte recente. Muito da produção artística mais comprometida e crítica de nossos dias tem sido, com toda a razão, cotejada com a produção artística brasileira política dos anos 60 e 70. A essa sincronia entre os anos 1960/1970 e os anos 2000, eu proponho, como um exercício, uma diacronia (não fechada e certamente não como um marco de "origem") entre os anos 80, os anos 90 e os anos 2000.

Os anos 80 trazem uma mudança política e social sem precedentes. Uma nova configuração política vai transformar uma velha maneira de agir e ver criticamente a realidade. O processo de abertura política iniciado ainda nas entranhas duras do regime militar do Brasil desencadeia também aqui uma transformação sem igual. Houve uma tomada do espaço público no país, visto não mais apenas como espaço de luta e confronto contra milícias ou grupos fascistas de direita, mas como o espaço que vinha sendo conquistado e construído pelos grandes comícios e sensivelmente ampliado no campo da expressão cultural com o fim da censura.

Dois propostas artísticas são sintomáticas desse momento político-cultural no Brasil: as proposições do grupo 3NÓS3 e as do evento/exposição Moto Contínuo. Ambos estabeleceram suas poéticas coletivas no trânsito entre espaços públicos, sejam eles os espaços da rua ou os espaços da galeria

de arte ou museu. As "intervenções" em São Paulo do grupo 3NÓS3 ocuparam os monumentos públicos (Ensacamento – Intervenção urbana, 1979), galeria de arte (X-Galeria – Intervenção urbana, 1979), a fachada da Pinacoteca de São Paulo (3NÓS3 – 3 anos – Intervenção urbana, 1982), passando por outros locais públicos (av. Paulista, calçada do Teatro Municipal), fazendo assim uma amarração entre aqueles espaços que estavam sendo "reconquistados" pela sociedade civil.

O evento/exposição Moto Contínuo, em sua estratégia, fará uma operação artística semelhante. Sua exposição ("Moto Contínuo", 1983) acontece numa galeria pública de Curitiba e nas páginas do encarte de um jornal de grande circulação, além de ocupação e proposições abertas em locais da cidade de Curitiba. Uma rede de atuação estabelece-se entre a galeria de arte, a cidade e a malha de circulação do jornal. No final de sua exposição, alguns trabalhos produzidos na rua foram levados para a galeria e fez-se o trânsito vivencial entre aqueles espaços.

Nos anos 80 constata-se a emergência de um outro sujeito artístico. Não se trata daquele sujeito hedonista, ligado a um indefinido "prazer de pintar", mas a um sujeito que, sintonizado com a abertura política no Brasil, reúne crítica e afetividade, ao mesmo tempo, em seu trabalho. Um sujeito que também é político, entre novas discussões culturais e de gênero, como tão sistematicamente seria discutido nos anos 80 e 90. O eu lírico torna-se um sujeito da história, basta pensarmos nas poéticas de final dos anos 80 e começo dos 90 dos artistas Leonilson e Jac Leirner.

Alguns trabalhos que operam diretamente no espaço da instituição da arte e no trânsito entre o espaço da rua, da cidade e os da arte são sintomas de um fazer artístico da contemporaneidade que, não exclusivamente, estão atuando num campo de pesquisas configurado pelos anos 80.

Um museu que vai para o mundo é o projeto do Museu MUSEU, em fase de implantação e que vem sendo realizado desde 2001, de Mabe Bethonico. O projeto do Museu MUSEU é uma proposição em constante elaboração, que abre-se para diversas frentes possíveis em sua constituição digital (web). A instituição criada por Mabe abriga o acervo de recortes de jornal do Colecionador (que tem na artista sua conservadora), uma coleção de sons da cidade, bilhetes, arqueologia da letra, entre outros acervos, vindos de pessoas e situações as mais diversas. Ao constituir-se como uma instituição museológica criada dentro de uma poética pessoal, o Museu MUSEU abre-se então ao real (visto talvez como uma reunião de muitas "coleções") e suas maquinações (acesso, pesquisa, fruição, desencadeamento de novas coleções). O sujeito da artista, ao se constituir como um agenciador, parte do museu criado nos espaços da malha virtual, para uma perspectiva pessoal de ação.

Num processo que pode ser dito, no contexto deste pequeno artigo, como quase complementar ao de Mabe Bethonico, é realizado o trabalho de Carla Zaccagnini, *Restauro* (Almeida Júnior), em 2001, para o Centro Cultural São Paulo. Neste caso a artista realiza uma intervenção em instituição real já existente (Pinacoteca Municipal de São Paulo). A singularidade da artista tem como acionamento o desencadear do restauro de uma obra do artista Almeida Júnior, daquele acervo público. Ao inscrever sua subjetividade na organização da instituição oficial, uma obra do patrimônio seria restaurada. Há um movimento entre espaços públicos e espaços da subjetividade - a instituição da arte faz parte de seu processo e o trabalho artístico abre-se e alimenta-se nestes interstícios. A ocupação do espaço público da arte desencadeia uma pequena revolução (molecular?) - a pesquisa visual da artista resgata, para todos, uma obra daquele acervo.

Podemos pensar nesses trabalhos, entre outros da atualidade, em seus diferentes vetores, como uma apropriação produtiva das discussões artísticas e políticas dos anos 80. Ao operar um ativamento do espaço público pelo investimento de um sujeito pós-muro de Berlim, essas propostas, mais do que "crítica institucional", apostam numa positividade possível dos, sempre problemáticos, espaços da cidade e instituições artísticas (museus, coleções públicas, espaços expositivos). Poderíamos então trazê-las para um diálogo maior com uma história recente e colocar, hoje, algumas novas "idéias no lugar".



Restauro
(Almeida Júnior),
2001, de Carla
Zaccagnini

1. As informações sobre as propostas artísticas aqui abordadas foram, em sua maioria, gentilmente cedidas pelos artistas envolvidos.

2. Retomo e amplio aqui algumas colocações do texto publicado no jornal *Inclassificados* (SESC/RJ-2003), organizado pelos artistas Rosana Ricalde e Felipe Barbosa.

3. A exposição "Espelhos e sombras" (MAM/SP-1994), com curadoria de Aracy Azeiteiro, seria um marco importante na discussão brasileira.

4. Lembramos aqui dos projetos coletivos *Atrocidades Maravilhosas* (2000), *Pipoca Rosa* (2000), *Vaca Amarela* (2001) e dos artistas Fabiano Gonper (Gonper Museum, 2002), Maurício Dias e Walter Riedweg ("Arte Cidade Zona Leste"/2002), Jorge Menna Barreto (*Entre o céu e terra*, 2000), Cleverton Salvaro (*Garrofas - 15 com tibatá*, 2002), entre tantos outros.



Intervenção urbana
do grupo 3Nóe3
(1982)